



Relações Étnicas: desafios para o Ensino, Pesquisa e Extensão no Campo Interdisciplinar

Ethnic Relations: Challenges for Teaching, Research and Extension in the Interdisciplinary Field

Marise de Santana

Programa de Pós-Graduação em Relações
Étnicas e Contemporaneidade
nabaia1960@gmail.com

DOI: 10.22481/odeere.v4i8.6233

RESUMO: Neste artigo estamos propondo falar sobre Ensino, Pesquisa e Extensão como pretexto para pensar sobre as Relações Étnicas. Ou seja, de forma didática vamos falar sobre as Relações Étnicas e a indissociabilidade no tripé ENSINO-EXTENSÃO-PESQUISA, nesta ordem, pois enseja nossa experiência na educação superior no espaço do ODEERE. As perspectivas educacionais descolonizadoras lançam o olhar sobre processos de produção de conhecimentos que se voltem para pensar/debater metodologias que dê voz aos sujeitos, enaltecendo a oralidade e, portanto, o “senso comum” no sentido atribuído por Geertz em sua produção “Saber Local”. Tais perspectivas nos coloca os desafios que a problemática das fronteiras nas relações entre diferentes etnicidades nos apontam nos espaços educacionais.

Palavras-chave: Pesquisa, Ensino, Exrtensão, Relações Étnicas, ODEERE.

ABSTRACT: In this article we are proposing to talk about Teaching, Research and Extension as a pretext for thinking about Ethnic Relations. That is, in a didactic way we are going to talk about Ethnic Relations and the inseparability on the tripod TEACHING-EXTENSION-RESEARCH, in that order, as it enshrines our experience in higher education in the ODEERE space. The decolonizing educational perspectives look at knowledge production processes that focus on thinking/debating methodologies that give voice to the subjects, highlighting orality and, therefore, “common sense” in the sense attributed by Geertz in his production “Saber Local”. Such perspectives present us with the challenges that the issue of borders in the relationships between different ethnicities points us to in educational spaces.

Keywords: Research, Teaching, Extension, Ethnic Relations, ODEERE.

Introdução

Como professora da disciplina obrigatória Relações Étnicas e Contemporaneidade do PPGREC- programa de pós-graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade do ODEERE - Órgão de Educação das Relações Étnicas, venho reunindo dados acerca deste debate, em que me inquieta quando verifico: 1) que no trato com relações étnico-raciais, não são tomadas categorias que podem ser pertinentes, tais como, grupos étnicos, etnicidades, grupos interétnicos, identidade étnica e etnia; 2) que se fala de relações raciais como sinônimo de relações étnicas; 3) que se fala de cultura, “traços culturais”, identidade, como se estivessem falando de etnicidade. Mesmo com todas estas inquietações, não trataremos do sentido teórico que estas categorias carregam, mas estamos propondo falar sobre Ensino, Pesquisa e Extensão como pretexto para pensar sobre as Relações Étnicas. Ou seja, de forma didática vamos falar sobre as Relações Étnicas e a indissociabilidade no tripé ENSINO-EXTENSÃO-PESQUISA, nesta ordem, pois enseja nossa experiência na educação superior no espaço do ODEERE.

Em seu sentido simbólico¹, penso que o estudo das relações entre diferentes etnicidades, não podem desvincular-se da compreensão dos problemas de territorialização seja de pessoas ou de grupos; das dinâmicas de organização e suas relações políticas de dentro e de fora; da expropriação de identidades na forma como os grupos estabelecem suas relações no que tange ao cultural, ao religioso, ao econômico, ao sistema de moradias, aos seus hábitos alimentares, aos seus festejos, enfim aos seus saberes/fazeres. Todavia, os textos sobre as relações entre diferentes etnicidades apresentam desconstituições simbólicas de expropriação das suas identidades; assim como, não apresentam os processos de resistências no trato com o empoderamento e equidade que se dá entre diferentes grupos étnicos a partir de seus saberes. Neste sentido, penso que a falta de articulação entre ensino pesquisa e extensão vem contribuindo para um debate sobre as relações étnicas, empobrecido do verdadeiro sentido que o mesmo carrega.

¹ Refiro-me ao simbólico com a dimensão material e imaterial em que os símbolos são os mediadores entre sentido e cultura.

Falando sobre o evidente: Relações Étnicas não é Relações Raciais!

Trabalhando na referida disciplina, desde que o mestrado foi implantado no ano de 2014, mas estudando relações étnicas desde sempre, venho fazendo leituras sobre esta temática que me coloca atenta para diferenciar algumas categorias, tais como, relações étnicas e relações raciais pensando em suas aproximações e afastamentos, contudo, nem todos os pesquisadores/as que trabalham com estas duas temáticas, se colocam atentos para isso, inclusive falando de relação étnico-racial quando não toma nem mesmo um autor/a da discussão de relações étnicas para articular os dados empíricos com o debate teórico.

Em consequência do problema teórico ao qual nos referimos, dentro e fora da academia, é tomado o sentido de étnico como sinônimo de relações raciais. Também se diz que tudo para negro, índio e grupos não europeus é étnico. Sendo assim, as produções que trazem na sua estrutura traços considerados não europeus carregam em si o estigma de serem étnicos. Por exemplo, as estampas com traços indígenas, africanas ou não europeia, são consideradas como estampas étnicas. Os cabelos crespos são considerados étnicos.

Poutignat e Streiff-Fenart (1998), autores usados em nossas discussões de sala de aula, nos chama atenção para entender que as relações étnicas estiveram sempre atreladas ao discurso biologizante e racista. Sendo assim, preocupo-me com o sentido que fora atribuído ao conceito de etnicidade por autores e autoras em artigos, dissertações e teses, os quais tenho me debruçado para analisar.

Em 2014 foi aprovado o mestrado em Relações Étnicas e Contemporaneidade, desde a sua implantação, o objeto de preocupação vem sendo o de fortalecer esta pós-graduação, nos voltando para criar condições de melhorias, isto porque, entendo que a proposta deste programa é de fundamental importância para se pensar acerca de questões que fazem parte do debate contemporâneo de descolonização, inclusive sobre as relações raciais no Brasil, as relações de gênero e de diversidade sexual.

A proposta é de qualificar profissionais para a pesquisa, docência e extensão em relações étnicas, na sua articulação com as configurações de gênero/sexualidades considerando os diferentes contextos histórico e geopolítico,

buscando refletir sobre questões teóricas e práticas do campo interdisciplinar, como fundamento para a produção de conhecimento. Tal perspectiva visa contribuir com o desenvolvimento regional e por extensão, o nacional neste campo do conhecimento. Neste sentido, o programa se depara com demandas que vão desde os processos de qualificação de professores/as do quadro permanente através de alguns incentivos como de participação em eventos dentro e fora do país, o de buscar intercâmbios de cooperação entre IES dentro e fora do país para melhor qualificar discentes e docentes do programa. Cabe considerar a produção de publicações resultantes do intercâmbio entre saberes-fazeres de acadêmicos, bem como, das ações extensionistas, nas quais se busca difundir o corpo de conhecimento produzido pelas pesquisas.

Contudo, vale ressaltar, que o ponto forte do programa de mestrado em Relações Étnicas e Contemporaneidade, é que o mesmo, embora tenha cinco anos de existência, nasce com boa infraestrutura física e humana. Física, pois desde 2005 foi cedida uma escola da rede pública do estado da Bahia para execução de atividades da universidade, a qual assume o topônimo de ODEERE - Órgão de Educação e Relações Étnicas da Universidade estadual do Sudoeste da Bahia. Este espaço se tornou sede de nossos cursos de extensão, pós-graduação Lato sensu e Stricto sensu e das nossas pesquisas.

No que tange a infraestrutura Humana, as ações de extensão, pesquisa e ensino que acontecem no ODEERE, são frutos do trabalho do corpo docente e discente deste órgão, que forneceram referenciais para possibilitar a criação e implantação do programa de pós-graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade no ano de 2014.

Considero como demanda institucional da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, preparar com qualidade, profissionais de diversas áreas para o trabalho com o que preconiza as Diretrizes Curriculares para o Ensino das Relações Étnicas, neste sentido, acredito que a proposta de um mestrado em relações étnicas possibilita formar profissionais para encarar o grande desafio de atender as leis 10639/2003 e 11645/2008 que alteram a LDB- Lei de Diretrizes e Bases da Educação, sendo assim, se faz necessário para esta formação com qualidade, que o seu quadro de docentes, em especial, professores/as da pós-graduação se insira

na pesquisa e extensão, a fim de encontrar mais elementos que subsidiem os estudos que vêm sendo desenvolvidos nesta temática.

A era da globalização realça a problemática da diversidade humana e a ciência que deveria explicar este fenômeno se biologiza no século XIX reafirmando categorias de um racismo doutrinário, que incita a própria ciência ao preconceito que gera discriminações. Neste sentido, na contemporaneidade, fomentam-se atividades de pesquisas e extensão que deem conta de entender como a problemática da etnicidade se constituiu ao longo da história.

Discutir se as sociedades, em particular a brasileira, possuem grupos étnicos, não são as molas mestras para se pensar o impacto social que o debate sobre etnicidades carrega. Em si, o impacto social deste estudo, se coloca quando fazemos as seguintes reflexões: 1) sobre os efeitos de interação social dos grupos étnicos; 2) sobre as relações interétnicas entre diferentes grupos étnicos que convivem numa mesma sociedade; 3) sobre o entendimento de que os grupos étnicos enquanto organização política e social, trazem suas particularidades nas entranhas de suas etnicidades.

Enfim, o que nos interessa no debate das relações étnicas é perceber como os processos assimétricos que surgem no campo de pesquisa enunciam relações conflituosas entre as diferentes etnicidades. Assim como, analisar/interpretar/reinterpretar estratégias descolonizadoras.

Visando pensar sobre o impacto social, sobretudo, devemos nos voltar para as ambiguidades no estudo da etnicidade. Podemos destacar duas: uma delas, a que se coloca ao lado das categorias raça e culturas numa sociedade como a brasileira, que fundamenta o racismo institucionalizado fomentado pelos sistemas. A outra, quando não se percebe que as identidades raciais, as identidades culturais e as identidades étnicas possuem essências distintas.

As categorias Raça e cultura se mesclam de ambiguidades quando pensamos nas mesmas dentro de um sistema que, por exemplo, não propicia condições adequadas para negros que moram na periferia cursarem o ensino superior, mas o mito da Democracia Racial faz a seguinte afirmação: “só não faz Universidade quem não quer”

É importante entender que o pesquisador ou pesquisadora das Relações Étnicas trabalha na perspectiva de se voltar para a proposição de que as pesquisas

nas áreas das ciências sociais e humanidades devem ter como objeto-sujeito dos seus estudos os diversos grupos humanos, para atender ao tripé universitário que preconiza as atividades de ensino pesquisa e extensão.

“Santíssima Trindade”: o tripé Universitário

O artigo 207 da constituição brasileira de 1988 dispõe que "as universidades (...) devem obedecer ao princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão", Segundo Moita (2009) e Andrade(2009) ensino-pesquisa-extensão é uma "santíssima Trindade" que deve ter igual importância dentro da universidade, sendo um princípio orientador da qualidade da produção universitária, pois afirma a tridimensionalidade do fazer universitário.

Aqui podemos pensar que a mediação entre Extensão e Pesquisa é o Ensino. Sendo que a Extensão se ocupa com os problemas da sociedade contemporânea. A Pesquisa é responsável pela produção do conhecimento científico. Portanto, a articulação entre ensino-pesquisa-extensão dar-se-á pela indissociabilidade entre conhecimento científico e demandas sociais.

Os conhecimentos científicos e demandas sociais são vetores do debate da indissociabilidade entre ensino-pesquisa-extensão, trazendo para o cerne da discussão duas questões: 1) Quando pensamos em Relações Étnicas, quais são os conhecimentos produzidos pelos diferentes grupos étnicos ou ainda, pelas diferentes Etnicidades, que compõem a sociedade onde a universidade está inserida? 2) Quais são as fronteiras colocadas pelo conhecimento científico frente aos conhecimentos produzidos pelas diferentes etnicidades?

As questões acima colocadas puxam outras tantas questões que nos apontam outros debates, tais como, O fazer universitário inscrito em parâmetros de transmissão do conhecimento ao invés de produção do conhecimento; a prevalência do conhecimento científico ocidentalizado que reafirma no espaço universitário a colonização cultural através de saberes e práticas educativas racistas, privilegiadoras de grupos étnicos hegemônicos, portanto, discriminatórias; a definição da identidade e do papel da universidade ao longo da história, levando em consideração suas fronteiras (inclusão /Exclusão) que falam sobre saber científico x saber popular, Ciência x senso comum, conhecimentos x crenças.

Boaventura Sousa Santos (2004) no livro "Conhecimentos Prudentes para uma

vida docente" nos fala sobre as formas privilegiadas de conhecimento. Ele vai dizer que "quaisquer que elas tenham sido, num dado momento histórico e numa dada sociedade foram objeto de debate sobre a sua natureza, as suas potencialidades, os seus limites e o seu contributo para o bem estar da sociedade." (p.17)

Neste sentido, alguns autores, inclusive Boaventura Santos, dizem que o conhecimento científico ocidental é uma espécie de "injustiça Cognitiva" que advoga sobre a pretensa superioridade do modelo tradicional de ciência em detrimento dos saberes e práticas de diferentes grupos sociais e de diferentes etnias.

Na atualidade, pesquisadores/as vão trabalhar com conhecimentos transdisciplinares, interdisciplinares. Como diz Boaventura Santos, são conhecimentos que pela sua própria contextualização obriga que através da pesquisa, o pesquisador mantenha diálogo com outros tipos de conhecimentos. Conhecimentos que são produzidos no seio de diferentes grupos étnicos de diferentes etnicidades que associam e dissociam saberes e fazeres distintos. Portanto, interdisciplinaridade não é apenas uma relação entre áreas de conhecimentos, são relações dialógicas entre diferentes tipos de conhecimentos.

Boaventura Sousa Santos (2004) ainda afirma que, o conhecimento universitário na atualidade deve ser "PLURIVERSITÁRIO". A diferença que o autor faz entre universitário e pluriversitário, é que o conhecimento pluriversitário é contextual, cotidiano, enquanto o conhecimento universitário é universal, aconteceu anteriormente e auxilia para perpetuar a metodologia de transmissão de conhecimentos, a disciplinaridade.

É através deste conhecimento "Pluriversitário" elaborado através da PESQUISA, que nós pesquisadores/as vamos detectar quais são as demandas sociais. Através das demandas sociais que o trabalho da EXTENSÃO acontece no espaço universitário dando corpo às Relações Étnicas como práticas e saberes dos diversos, de diferentes, das diferentes áreas de conhecimentos e de diferentes profissionais.

Sendo assim, é muito salutar perguntar/entender, como uma sociedade entende o conhecimento de parteiras, curandeiros, benzedeiras? Como entram na escola a problemática, que situa a discussão que envolve os conhecimentos que alguns chamam de crenças?

Chegamos aqui a uma discussão importante, quando falamos de problemáticas que envolvem alargamento do que seja educação para nós/eles, princípio norteador para pensar as relações étnicas.

Concone (2004), em um artigo que discute a Antropologia da Saúde/doença se pergunta por que considerar a referida antropologia como estratégia para discutir o pensamento antropológico. Ela responde que é a forma de estabelecer diálogo entre as dimensões cultural e biológica. O pensamento antropológico pode discutir o que é biológico, como nascer, crescer e morrer, mas também, o que é cultural.

A autora vai dizer que falar apenas deste encontro entre biológico e cultural é muito óbvio, mas que, talvez seja óbvia, a forma como se naturalizam o sistema de conhecimentos enunciados a partir de uma ordem natural, em que, por exemplo, no conhecimento científico o sentido de doença e saúde são tomados dentro das ciências naturais através de categorias biológicas.

As ciências biológicas se valem de seus experimentos tomando categorias que naturalizam o conhecimento, enquanto, a antropologia, toma entre muitas categorias, a historicidade, para entender o sentido de um determinado conhecimento. Assim, a compreensão sobre doença e saúde passa pelo entendimento de que, nas diversas sociedades, os sentidos serão também diferentes. Daí Concone afirmar: "a noção de doença é construída, tanto quanto as demais" (p. 292).

A antropologia lida com ambigüidades, oposições. Assim, Concone (2004), argumentando a partir das reflexões feitas pelo antropólogo norte americano Byron J. Good, vai apontar um par de conceitos que expressam uma destas oposições. São os conceitos de crenças e conhecimentos.

Na sociedade ocidental vem se utilizando crença para designar os saberes considerados não científicos e conhecimento para designar os saberes da ciência, os científicos. Em qual conceito se enquadra o conhecimento das parteiras? Estariam neste saber formas diferenciadas de cura daquelas estabelecidas pela medicina oficial?

Concone, dentro de suas especificidades de pensamento, apresenta reflexões antropológicas que visam desnaturalizar conceitos. Ao se falar que um grupo étnico tem crenças, pode se querer afirmar a impossibilidade de que eles

possuam um conhecimento válido. “Nós”, o nosso grupo, tem um conhecimento científico considerado válido.

Todavia, o engendramento entre pesquisa e extensão, traz um questionamento feito por Paulo Freire (1980) no seu texto "Extensão ou comunicação?" que nos coloca frente a repensar: O que de fato é Extensão?

Ele nos coloca que a relação entre ensino e extensão deve ser dialógica, para que os sujeitos da extensão não sejam colocados alheios as suas realidades. Para que de fato aconteça a relação entre os diferentes conhecimentos científico em que, o conhecimento dito científico se constitua a partir do permanente diálogo com as demandas sociais.

Sendo assim, autores como Boaventura Santos, Paulo Freire e outros vem embasando o exercício de indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão que temos feito para desenvolver atividades em um programa de pós graduação que dialoga no âmbito das relações entre diferentes etnicidades, portanto, guardam em sua gênese um convívio que carrega em seu seio o que Poutignat e Streiff-Fenart (1998) detectam como problemáticas da etnicidade:

“O problema da atribuição categorial pela qual os atores identificam-se e são identificados pelos outros. O problema das Fronteiras do grupo que servem de base para a dicotomização Nós/eles. O problema da fixação dos símbolos identitários que fundam a crença na origem comum. O problema da saliência que recobre o conjunto de processos pelos quais os traços étnicos são realçados na interação social (1998, pp 141-142)”

Ao falar das relações étnicas no seu conteúdo étnico, segundo Carneiro da Cunha (1986), indagamos sobre a substância da etnicidade, assim sendo vão aparecer as categorias raça, culturas, grupos étnicos e identidade étnica. Carneiro da Cunha (idem), baseada nas teorias de Marx Weber sobre comunidades étnicas e em Fredrik Barth com os estudos dos Grupos Étnicos e suas fronteiras, vai dizer que a etnicidade enquanto forma de organização política exacerba a cultura de um determinado grupo étnico e também a sua identidade, mas o certo é que não podemos definir grupos étnicos a partir de suas produções culturais, embora a cultura entre de modo essencial na etnicidade.

Na etnicidade entram outros elementos além da cultura. Embora sejam interligados, podemos didaticamente destacá-los para melhor compreendê-los. As fronteiras com suas inclusões e exclusões, os traços característicos de cada grupo étnico (religião, roupas, língua, mitos/ritos) e as suas ideologias.

Conclusão Inconclusa

Os estudiosos das Relações Étnicas não podem ficar alheios ao sentido que os estudos étnicos ganharam nas sociedades que banalizam as diferenças. Sendo assim, é que podemos utilizar o debate das relações entre etnicidades diferentes para tratar sobre: Leis educacionais como a 10639/2003 e 11645/2008 e outras políticas de afirmação; políticas de descolonização dos currículos escolares visando o combate a banalização das diferenças.

Etnicidade não está vinculada a raça, mas raça pode ser uma categoria da etnicidade. Raça é uma abordagem sociológica histórica com um viés de origem biológica. Etnicidade tem base social e carrega o sentido de uma abordagem sobre os grupos étnicos ou de processos étnicos, logo, podemos afirmar que pensar na etnicidade com o seu caráter situacional, contextual, relacional e interdisciplinar nos coloca frente a pensar sobre os conhecimentos produzidos por diferentes etnicidades se constituindo em conteúdos étnicos. Tais conteúdos ao serem pensados tomando os diferentes grupos que compõem a sociedade onde a universidade está inserida, nos anuncia que existem fronteiras, por isso a categoria identidade étnica é chamada para o debate.

A nossa vivência nos aponta que ainda nos dias atuais precisamos pensar acerca da identidade e do papel da universidade ao longo da história, levando em consideração como se dá o fazer universitário inscritos em parâmetros de transmissão do conhecimento ao invés de produção do conhecimento. É sobretudo necessário indagar como se dá a prevalência do conhecimento científico ocidentalizado que reafirma no espaço universitário a colonização étnica através de saberes e práticas educativas racistas, sexistas, homofóbicas, portanto, discriminatórias.

Neste sentido, buscamos articular no programa de pós-graduação, atividades que objetivem lidar com as Relações Étnicas visando a indissociabilidade entre ensino pesquisa e extensão, objetivando: a) Superar a

Distâncias entre os saberes ditos científicos e os demais saberes; b) Referenciar conhecimentos para que o ensino não se torne abstrato nem desligado das realidades locais; c) reconhecer os limites e peculiaridades de cada uma das três atividades (ensino-pesquisa-extensão); d) desenvolver atividades em que os sujeitos da extensão se expressem para que não seja reforçado o saber científico acadêmico em detrimento aos saberes produzidos pelas diferentes etnicidades.

As perspectivas educacionais descolonizadoras lançam o olhar sobre processos de produção de conhecimentos que se voltem para pensar/debater metodologias que dê voz aos sujeitos, enaltecendo a oralidade e, portanto, o “senso comum” no sentido atribuído por Geertz em sua produção “Saber Local”. Tais perspectivas nos coloca os desafios que a problemática das fronteiras nas relações entre diferentes etnicidades nos apontam nos espaços educacionais.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BARTH, Fredrick. **O guru, o Iniciador e outras variações antropológicas**. Tradução: John Cunha Commerford. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria. 2000

CARDOSO de OLIVEIRA , Roberto. **O trabalho do Antropólogo**. Brasília: Paralelo 15; São Paulo, editora UNESP, 2000.

CARDOSO de OLIVEIRA , Roberto. Identidade Étnica, Reconhecimento e o mundo Moral. *Revista ANTHROPOLÓGICAS*, ano 9, volume 16(2): 9-40 (2005)

CONSORTE, Josildeth Gomes. **A mestiçagem no Brasil: Armadilhas e Impasses** In Margem/ Faculdade de Ciências sociais - PUC/SP; São Paulo: EDUC, 1999.

CONSORTE, Josildeth Gomes. **“Educação e Diversidade nos anos 50”**. Cadenos CEDES 43 ANTROPOLOGIA E EDUCACÃO Interfaces do Ensino e Da Pesquisa. São Paulo, 1997. <https://doi.org/10.1590/s0101-32621997000200003>

CONSORTE, Josildeth Gomes. **A Educação nos Estudos de Comunidades no Brasil.** Educação e Ciências Sociais Boletim do Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, Rio de Janeiro, 1956

CONSORTE, Josildeth Gomes. **A QUESTÃO DO NEGRO Velhos e Novos Desafios.** São Paulo em Perspectiva, janeiro/ marco 1991; (pp. 85-92).

CONSORTE, Josildeth Gomes. **Em Torno De Um Manifesto De Ialorixás Baianas Contra o Sincretismo,** In: Faces da tradição afro-brasileira: Religiosidade, Sincretismo, Anti-Sincretismo, Reafricanização, Práticas Terapêuticas, Etnobotânica e Comida. Carlos Caroso, Jéferson Bacelar (organizadores). Rio de Janeiro: Pallas; Salvador, Ba: CEAO, 1999.

CONSORTE, Josildeth Gomes. **SINCRETISMO OU AFRICANIZAÇÃO? Os sentidos da dupla pertença.** Travessia revista do migrante, janeiro / abril 2000.

CONSORTE, Josildeth Gomes. **DIVERSIDADE HUMANA: Fonte de riqueza ou ameaça?** DIÁLOGO Revista de Ensino Religioso. São Paulo, agosto de 2003.

CUNHA, Manuela Carneiro. **Cultura com Aspas e outros ensaios.** São Paulo: Cosac Naify, 2009.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala.** 32ª ed.; Rio de Janeiro: Record, 1997.

FERREIRA, Edson Dias. Fé e Festas nos Janeiros da Cidade de Salvador Bahia. Tese de Doutorado defendida na Pontifícia Universidade Católica da Bahia, São Paulo, 2004.

GEERTZ, Clifford, **O Saber Local** Novos Ensaios em Antropologia Interpretativa. Petropolis , RJ: Editora Vozes, 1997.

GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de. "Antropologia e Educação: Origens de um Diálogo". In: Cadenos CEDES 43 ANTROPOLOGIA E EDUCACÃO Interfaces do Ensino e da Pesquisa. São Paulo, 1997. <https://doi.org/10.1590/s0101-32621997000200002>

GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de. Os Filhos da África em Portugal. Antropologia, multiculturalidade e educação. Belo horizonte: Autêntica, 2005.

GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de. Infância e Velhice: Desafios da Multiculturalidade. In: Infância e Velhice Pesquisas de Idéias. São Paulo: Alínea Editora. 2003.

HALL, Stuart. Da Diáspora **Identidade e Mediações Culturais**; Tradução de Adelaide La guardiã Resende, (...et all) – Belo Horizonte: Editora da UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

POUTIGNAT, Philippe e STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias Da Etnicidade Seguindo de Grupos Étnicos e Suas Fronteiras De Fredrik Barth**. Tradução: Elcio Fernandes; São Paulo: UNESP.

SANTANA, Marise de, **O legado ancestral africano na diáspora e o trabalho do docente: desafrikanizando para cristianizar**. 2004. 224f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais, Antropologia): PUC- SP, São Paulo, 2004.

SANTANA, Marise de, **O Legado Ancestral Africano na Diáspora e o Trabalho Docente. In: Inclusão Social Identidade e Diferença. Perespectivas Pós-Estruturalista de Análise Social**. Amaral Jr, Aécio/ Burity, Joanildo A. (organizadores). São Paulo: AnnaBlume, 2006.

SANTANA, Marise de, Dissertação de Mestrado: **Formação e Trabalho Docente: “Novos e Velhos Desafios”**, PUC- SP, 1999

SANTANA, Marise de **Educação Multicultural: limites e possibilidades de atuação com os PCN**, In: ANAIS do IV Encontro de Estágio Supervisionado da UNEB. Entre o Pessoal e o Profissional: o estágio e o processo de formação. Valença/Bahia, 2001.

SILVA, Tomás Tadeu da. (Org.); **Alienígenas na sala de aula: Uma Introdução aos Estudos culturais em Educação.** –Petrópolis, RJ: Editoras Vozes 1995.

SILVA, Tomás Tadeu da. **Documentos de Identidade: Uma introdução as teorias do currículo.** – Belo Horizonte : Autêntica, 1999.

SANTOS, Boaventura S. (org). **Conhecimento Prudente para uma vida Docente.** 'Um discurso sobre as Ciências' revisitada. Cortez Editora , 2º Edição.

THOMPSON, John B. **Ideologia e Cultura Moderna: Teoria Social Crítica na Era dos Meios de Comunicação de Massa.** Rio de Janeiro, Petrópolis: Editora Vozes, 1995.

TURNER, Victor. Floresta de Símbolos Aspectos do ritual Ndembu. Tradução de Paulo Gabriel Hilu da Rocha Pinto. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2005.

WEBER, Max. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo.** Tradução de M. Irene de Q. F. Szmrecsányi e Tamás J. M. K. Szmrecsányi. São Paulo : Pioneira, 2003.

WEBER, Max. **Economia e sociedade: fundamentos da sociologia Compreensiva.** Tradução de Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. 3º edição, Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, vol 01, 1994.

Marise de Santana: Graduação em Pedagogia pela Faculdade de Educação da Bahia Olga Meting (1994). Concluiu mestrado em 1999 pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo em que defendeu a Dissertação intitulada Educação Multicultural Novos e Velhos Desafios orientada pela Profª Drª Josildeth Gomes Consorte. Em 2004 defendeu a Tese "O Legado Africano na Diáspora e o Trabalho Docente" na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, também orientada pela profª Dra Josildeth Gomes Consorte. É professora nível Pleno da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia das disciplinas Didática e Antropologia. Coordenadora e Professora do quadro permanente do Programa Stricto Sensu em Relações Étnicas e Contemporaneidade e do Curso de Pós Graduação em Antropologia Com Ênfase em Culturas Afro-brasileiras do ODEERE/UESB. Na UEMS- Universidade Estadual de Feira de Santana é Professora do Programa de Pós Graduação Stricto Sensu em "Desenho, Cultura e Interatividade". Tem experiência nas seguintes áreas:

Educação e Antropologia, atuando principalmente nos seguintes temas: Legado Africano; Cultura e Identidade; Cultura negra; Trabalho e Formação Docente; Processo Ensino/Aprendizagem, Antropologia das Populações Afro-brasileiras, Educação das Relações Étnicas. Pós Doutora pela UNICAMP com bolsa da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia/FAPESB, tendo como interlocutora a Prof^a. Dr^a. Maria Neusa Mendes Gusmão.



This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



Este trabalho está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Artigo recebido para publicação em: Novembro de 2019.

Artigo aprovado para publicação em: Dezembro de 2019.